

ARTIGO - 2. PATRIMÔNIO CULTURAL E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: O PATRIMÔNIO NA ÉPOCA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: A CONSERVAÇÃO ENTRE NOVOS E VELHOS RISCOS / AS ESCALAS DO PATRIMÔNIO: LOCAL - GLOBAL / MODELOS INOVADORES DE GESTÃO PARTICIPATIVA E ENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES LOCAIS / ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO PARA A CONSERVAÇÃO..

CONSERVAR OU RECONSTRUIR? ESTRATÉGIAS PROJETAIS DE INTERVENÇÃO NAS RUÍNAS DA CAPELA DO ENGENHO CUNHAÚ (RN)

Flávia Romênia Cortez De Oliveira (flaviaromeniac@gmail.com)

Quando um monumento atinge o estado de ruína por razões acidentais, temporais ou por negligência, frequentemente se discute a possibilidade de sua recuperação por meio da reconstrução, como se reconstrução e restauração fossem termos equivalentes. Nessa ânsia de recuperar o monumento perdido, observa-se a seleção de projetos de intervenção que, em alguns casos, privilegiam a reconstrução do estado original ou anterior, em detrimento de outras abordagens que dialoguem com outros materiais, espacialidades ou formas mais contemporâneas.

No Brasil, é possível perceber esse paradigma na análise dos processos de tombamento de ruínas do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Nos documentos referentes aos monumentos tombados pelo Sphan no Rio Grande do Norte, na chamada fase heroica (1937 a 1967), encontramos recorrente o uso de termos como “recomposição da fisionomia primitiva” e

“restabelecimento da feição original” dos bens culturais que necessitavam de medidas de proteção e de intervenção. Embora uma parcela dos bens salvaguardados pelo Sphan tenham passado por reconstruções, que em alguns casos resultaram na alteração de sua imagem em busca de uma aparência colonial valorizada à época, outros bens tiveram tratamentos diferenciados da matéria preexistente.

Um dos casos de ruínas estudados na pesquisa que evidenciam as práticas de tombamento e, sobretudo, as intervenções realizadas pelo Sphan é o da Capela do antigo Engenho do Cunhaú, no Rio Grande do Norte, reconhecido como o primeiro local onde se cultivou e produziu açúcar no estado. A Capela do Cunhaú foi tombada como monumento em estado de ruína, em 1964, com inscrição no Livro do Tombo Histórico, e passou por um processo de intervenção décadas depois, em 1986, após inúmeras discussões realizadas pelo Sphan sobre o projeto. Conforme consta em seu processo de intervenção, a restauração da capela priorizou a reconstrução de seu aspecto original, buscando consonância com o valor histórico a ela atribuído em seu processo de tombamento.

O objetivo geral deste trabalho é compreender as estratégias projetuais de intervenção da Capela do Engenho do Cunhaú, visando contribuir para a discussão conceitual e teórica sobre a relação entre projetos de restauro e bens em ruínas. Utilizou-se a seguinte fonte primária na pesquisa: os processos de tombamento e de intervenção da Capela do Cunhaú disponibilizados pelo Arquivo Central do Iphan (ACI-RJ). Um dos motivos pelo estudo e pesquisa desse bem cultural deve-se ao fato de que seus autos apresentam uma discussão significativa pelos técnicos do Sphan sobre a análise do projeto de restauração da capela. A análise do estudo de caso traz à tona aspectos relativos à atuação do Sphan no contexto brasileiro, sobretudo no que se refere à formulação e consolidação das principais diretrizes e práticas de preservação do órgão.

Palavras-chave: ruínas; patrimônio cultural; restauração; estratégias projetuais.